

Estatístico aponta as falhas das pesquisas

As pesquisas de opinião pública tornaram-se as grandes videntes das eleições no Brasil. Nos meses que antecedem ao pleito, elas são mais aguardadas e comentadas do que os próprios candidatos. Com este trabalho, os institutos de pesquisa provocam o desespero de uns e alívio de outros. Mas o grande público nem sempre tem consciência do método utilizado para fazer a amostragem e, muitas vezes, é induzido por um resultado aparentemente verdadeiro e levado a votar nos mais cotados, devido ao sentimento do "voto útil".

As vésperas da eleição, época proibida para divulgação das últimas prévias, vem à tona uma série de questionamentos deste gênero, levantados pelos próprios estatísticos — peça importante na quantificação de qualquer levantamento. Em Brasília, o presidente do Conselho Regional de Estatística, Arthur A. Magalhães Fonseca, está atento à dança dos números e aguarda o resultado das urnas, para uma análise comparativa.

Como estatístico, ele considera as pesquisas um instrumento "extremamente importante" para revelar uma tendência do eleitorado. Mas ressalva que a "sociedade não conhece esta informação revelada pela pesquisa e nem o erro de amostragem que ela contém". Arthur Fonseca cita o exemplo da previsão feita pelo matemático Osvaldo Souza, todos os domingos, no programa "Fantástico". Neste caso, ele divulga que o número

provável de ganhadores ficará entre 10 e 27, por exemplo. Este é o chamado "erro de amostragem", nem sempre identificado nas pesquisas eleitorais.

Especificamente com relação a Brasília, o presidente do Conselho vê alguns "furos" na realização das pesquisas eleitorais, embora a cidade seja um campo favorável a elas. "Pelo que sei, o último levantamento sócio-econômico feito aqui está defasado em alguns anos. E ESTE é o primeiro levantamento um instituto realiza, para conhecer a realidade na qual vai interferir, no processo de amostragem".

Ele questiona, ainda, o fato de o universo pesquisado em cada zona eleitoral não ser dividido em faixas sócio-econômicas. "Me estranha muito você considerar numa mesma zona eleitoral, que é dividida por contigüidade física, determinadas realidades distintas, como Taguatinga, por exemplo, que certamente apresenta diversidades sócio-econômicas". Segundo Arthur Fonseca, este é um aspecto importante para a análise dos resultados das entrevistas e nem sempre é considerado.

De acordo com o estatístico, é tecnicamente correta a metodologia divulgada pelos institutos, de dividir o universo pesquisado por cotas, dentro da classificação por idade, sexo, situação ocupacional, nível de instrução etc. "O que não sabemos — diz ele — é se isso ali está sendo efetivamente empregado". Na sua opinião, as empresas que realizam pesquisas de opinião têm "uma certa facilidade" de apresentar uma tendência —

que é válida, na maioria dos casos —, mas não tão clara para a sociedade como um todo, sobre as formas e métodos utilizados.

"O que eu questiono é a forma com que eles colocam esta metodologia ao alcance da comunidade em geral, de forma obscura. Mas existe indução por parte destes institutos, porque não revelar o percentual de erro de uma tendência é uma forma de conduzir o eleitorado".

O fato é que nem todos os institutos são iguais e, para analisar a seriedade de seu trabalho, é preciso conhecer a metodologia que cada qual utiliza, diz Arthur Fonseca. Ainda assim, admite não ter dados que provem a fragilidade das pesquisas realizadas em Brasília. Segundo ele, mais importante do que saber se 10 por cento do universo total de eleitores é representativo ou não, é que "o plano de amostragem faça uma reprodução da realidade, incluindo as variáveis social, política e econômica e as interferências culturais".

Uma coisa Arthur Fonseca garante: surpresas fatalmente ocorrerão nesta primeira eleição em Brasília. "Aqui, o que se chama sociologia do voto ainda não é uma coisa bem definida. Você só tem bases sustentáveis, quando tem história. E Brasília não tem história política. Certamente, algumas verdades já existem, do ponto de vista da vantagem de candidato A ou B. Provavelmente, isso será confirmado. Agora, surpresas fatalmente ocorrerão e atribuo isso muito mais à existência de partidos que não têm uma ideologia política".